

O Manifesto de John B. Watson: da reacção estereotipada à tentativa de compreensão

Armando Machado¹ e Nuno M. da Silva²

1 Indiana University, U.S.A.

2 Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Lisboa, Portugal

Existem na nossa cultura antinomias com as quais ainda no aprendemos a lidar e a não ser pela rejeição conflituosa e disjuntiva. No entanto, já é tempo de nos apercebermos, como diz o filósofo P. Ricoeur (1993, p. 71), que deixámos de viver num consenso global de valores que seriam como estrelas fixas e que evoluímos numa sociedade pluralista, tanto religiosamente, como política, moral e filosoficamente. Daí que a tarefa prioritária da educação moderna devesse ser o preparar as pessoas para entrar nesse universo problemático. Analisar o pensamento controverso de John Broadus Watson (1878-1958) assim como as resistências que o mesmo originou (e origina!) pode ser um bom exercício nesse sentido até porque, segundo a fórmula de Nils Bohr, “o contrário de uma verdade profunda é outra verdade profunda”.

Há 80 anos atrás, Watson publicava o seu famoso manifesto “A Psicologia tal com a vê o behaviorista”³ (Watson, 1913). Este artigo apresenta de forma clara várias das teses de Watson, como sejam a redefinição do objecto de estudo da Psicologia - da consciência ao comportamento, a crítica e rejeição da introspecção enquanto método privilegiado de estudo dos fenómenos psicológicos, e a proposta de uma esquema unitário, metodológico e conceptual, para o estudo do comportamento animal e humano. Algumas das teses de Watson mantêm ainda toda a sua actualidade, afirmação que pode parecer surpreendente, ou mesmo chocante, sobretudo aos olhos dos muitos investigadores que nunca leram os seus escritos originais. Somos de opinião que esta reacção de surpresa se alimenta no modo pouco rigoroso, estereotipado, e, por vezes, caricatural, com que os manuais de Psicologia apresentam o pensamento de Watson (veja-se, por exemplo, Todd & Morris, 1992, e

1 Indiana University, Department of Psychology, Bloomington, Indiana 47405, U.S.A. Os pedidos de separatas devero ser enviados para esta morada. Os autores agradecem os comentários de Orlando Lourenço, Rodrigo Saraiva e José Bentes às verses iniciais deste artigo.

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Alameda de Universidade, P-1600 Lisboa, Portugal.

3 Salvo algumas excepções devidamente assinaladas, todas as citações de Watson provêm do seu manifesto.

as referências adicionais contidas nesse artigo). Pretendemos contribuir para corrigir esta situação deplorável e abordar com rigor as ideias de um homem que foi um investigador de qualidade, um pensador sério e, sobretudo, um arauto de uma forma nova de fazer e conceber a psicologia. Concretamente, dividimos este artigo em três partes: na primeira, expomos as teses principais do manifesto e a sua *raison d'être*; na segunda, abordamos a actualidade e as limitações destas teses; na terceira, tecemos algumas considerações sobre as causas mais genéricas (alguns diriam mais profundas) da resistência à mensagem de Watson.

1. O MANIFESTO DE WATSON

Duas teses de Watson dominam o seu manifesto: a primeira, a crítica à introspecção, é de ordem metodológica; a segunda, a redefinição do objecto da psicologia, é de carácter teórico. Tanto na crítica de Watson à Psicologia do seu tempo como na sua nova proposta, estas duas teses interligam-se porque a tese metodológica é um derivativo da tese teórica. Concretamente, se a consciência é o objecto da Psicologia ento a introspecção é o método natural para estudar tal objecto; por outro lado, se o objecto da Psicologia passa a ser o comportamento, ou seja, o conjunto de acções e reacções de um organismo, directa ou indirectamente observáveis, então impõe-se o uso de métodos alternativos, em tudo idênticos aos métodos utilizados nas outras ciências naturais.

Por que razão estava Watson descontente com a psicologia do seu tempo? Em 1913 Watson constatava que

“durante os cerca de 50 anos da sua existência enquanto disciplina experimental, [a Psicologia] não conseguiu estabelecer-se como uma ciência natural inquestionável” (p.163).

O método introspectivo era o grande responsável deste resultado porque não só originava dados impossíveis de reproduzir como, de seguida, apontava o dedo acusador na direcção do observador e não, como nas demais ciências naturais, na direcção do procedimento experimental. Watson concluía que o método introspectivo e, por consequência, a Psicologia tinham atingido um beco sem saída - dados sem garantia, conceitos sem validade, problemas estéreis impossíveis de resolver ...

Em alternativa, Watson propõe maior objectividade - os dados primários da Psicologia têm que ser observáveis, públicos, de modo a que se gerem consensos sociais sobre a sua definição. Numa palavra, para Watson sem acordo inter-observadores não pode haver ciência.

Os críticos de Watson argumentam, por vezes, que conceitos como átomo ou campo magnético, por exemplo, mostram que a ciência apela fre-

quentemente ao inobservável e hipotético a fim de explicar os dados da observação. Sendo assim, reduzir a linguagem da Psicologia a estímulos e respostas observáveis limita gravemente o desenvolvimento da teoria. Parece-nos que esta crítica falha o alvo por duas razões, sendo a primeira específica, e a segunda de ordem geral. Primeiro, o apelo a constructos teóricos hipotéticos não é incompatível com a exigência de Watson de que os *dados de base* da Psicologia sejam públicos. Mesmo em 1913, altura em que a linguagem da teoria era ainda bastante incipiente, a explicação dos comportamentos observáveis e suas alterações já apelava a constructos hipotéticos (e.g., integração de hábitos). Segundo, em qualquer ciência experimental os dados primários são sempre públicos e os constructos hipotéticos estão sempre ligados, de modo compreensível e mais ou menos directo, aos dados observáveis. Electrões são entidades hipotéticas, certamente, mas os seus efeitos em instrumentos de medida são públicos; o mesmo se passa com partículas radioactivas e contadores Geiger. Mais, como os próprios instrumentos de medida provêm de teorias e práticas científicas, de tal modo que o seu funcionamento é geralmente bem compreendido, as regras para passar do hipotético ao observável e do observável ao hipotético são elas próprias conhecidas. Na Psicologia do início do século, estas regras eram tantas quantas os investigadores!

Passemos agora para a tese teórica, a tese fundamental de Watson, ou seja, a rejeição da consciência como objecto central da Psicologia e a sua substituição pelo comportamento. Antes de apresentarmos as razões para esta mudança radical é necessário sublinhar, desde já, que embora Watson rejeitasse a consciência como referente central da Psicologia, ele não negava a existência dos fenómenos comportamentais que nos levam a utilizar tal conceito. Dois exemplos apoiam esta afirmação. Primeiro, Watson advogou o uso do 'método da linguagem' (*the language method*) no estudo dos fenómenos perceptivos. Não negando de forma simplista a importância da auto-descrição (*self-report*), Watson tentou, isso sim, chamar a atenção dos investigadores para a natureza da auto-descrição, para as suas limitações, e para o modo de as superar. Segundo, a identificação do pensamento com a linguagem subvocal, hipótese tantas vezes utilizada para ilustrar o simplismo de Watson, mostra bem que o autor não negava ingenuamente os fenómenos mentais, mas antes questionava a sua natureza e propunha formulações inovadoras. O valor desta hipótese só pode ser apreciado no contexto das hipóteses alternativas vigentes na altura. Quanto mais não seja, a hipótese de Watson era interessante e testável. Por isso morreu! ... Muitas hipóteses rivais sobrevivem ainda hoje porque não é possível testá-las o que significa que, neste caso, sobrevivência indicia apenas ambiguidade ...

Uma das razões que levaram Watson a rejeitar os fenómenos mentais como definidores do objecto da Psicologia relaciona-se com o efeito nefasto que

tais definições acarretavam (e acarretam!). Muitos fenómenos comportamentais, não directa e/ou imediatamente relevantes para o estudo da mente, eram simplesmente ignorados pelos psicólogos. Como consequência, a base de dados da Psicologia empobrecia-se pela acção de um filtro que era tão selectivo quanto arbitrário e mal definido. Watson identificava uma situação semelhante no estudo da evolução no tempo de Darwin. A base de dados sobre os fenómenos evolutivos restringia-se aos dados que elucidavam de forma directa o problema da origem e diferenciação do género *Homo*. Posteriormente, quando os biólogos iniciaram o estudo experimental da evolução, esta situação alterou-se e o homem deixou de ser o centro de referência da biologia evolutiva. Esta mudança de perspectiva permitiu o desenvolvimento de uma concepção mais rica e adequada da evolução natural. Watson concluía:

[o biólogo evolutivo] não tem que rejeitar certos factos sobre a hereditariedade da cor do pêlo do murganho só porque tais factos pouco dizem sobre a diferenciação do género *Homo* em raças diferentes, ou sobre a origem do género *Homo* a partir de uma espécie mais primitiva. (p. 162)

Watson propunha para a Psicologia uma mudança de perspectiva semelhante, ou seja, o alargamento do domínio da Psicologia de forma a incluir mais amostras do que chamamos comportamento e dos processos subjacentes à sua modificação. Com efeito, Watson almejava o que designou por “esquema unitário de resposta animal” (p. 158), ou seja, uma integração total das psicologias animal e humana. Para efectuar esta integração era necessário (a) obter maior “uniformidade no procedimento experimental e no método de apresentar resultados, tanto nas investigações com animais como nas investigações com o homem” (p. 170), (b) que os resultados experimentais fossem reprodutíveis, e (c) que se usassem em Psicologia critérios diferentes dos até então vigentes para avaliar a importância dos dados. Por estas razões, Watson defendia que

os factos sobre o comportamento da ameba têm valor em e por si próprios, sem para isso necessitarem de referência ao comportamento humano ... Se quisermos controlar cientificamente os fenómenos do comportamento, então as leis do comportamento na ameba, a identificação do seu leque de respostas e estímulos efectivos, e a determinação da formação, persistência, e reforço dos seus hábitos, devem ser efectuadas em e por si próprias, independentemente da sua generalidade ou das suas implicações. (p. 177)

Esta mudança de perspectiva, impossível de efectivar enquanto a consciência permanecesse o objecto central da Psicologia, teria também repercussões práticas. Watson e muitos psicólogos actuais deixariam de se sentir embaraçados pela pergunta tantas vezes colocada ao estudante do comportamento animal “Que impacte têm os estudos com animais sobre a psicologia humana?”

Eu estava interessado no meu trabalho e sentia que ele era importante. No entanto, não conseguia estabelecer qualquer ligação entre os meus estudos [sobre o comportamento animal] e a psicologia tal como esta era entendida pelo meu interlocutor. (p. 159)

2. O MANIFESTO E A PSICOLOGIA ACTUAL

As duas teses de Watson tiveram sortes diferentes. A tese metodológica triunfou já que, do ponto de vista metodológico, todos os psicólogos são hoje behavioristas. Ou seja, os métodos, procedimentos, e técnicas do psicólogo têm sempre que originar dados que satisfaçam critérios mínimos de garantia e validade. Por este facto, Watson permanecerá sempre na história da Psicologia como um dos mais ardentes proponentes da cientificidade no estudo da conduta animal e humana.

A tese teórica e os argumentos avançados por Watson para a apoiarem tiveram sortes diversas; caracterizá-las exigiria assim que considerássemos cada argumento individualmente, tarefa que ultrapassa largamente o espaço reservado a este pequeno artigo. Por isso, nos parágrafos que se seguem limitamo-nos a tecer breves considerações sobre os argumentos que nos parecem, hoje em dia, mais relevantes.

Com referimos anteriormente, a redefinição do objecto e o alargamento do domínio da Psicologia propostos por Watson fundamentavam-se na necessidade de enriquecer o próprio conceito de comportamento, visto como uma das formas de adaptação dos organismos ao seu contexto ambiental. A diversidade das formas de adaptação comportamental exige, para seu conhecimento, estudos que vão do comportamento da ameba ao comportamento do homem. Assim, não deixa de nos surpreender constatar que os mais directos seguidores de Watson não tenham encarado a investigação animal com o mesmo espírito do manifesto watsoniano. Com efeito, nas mãos dos investigadores que se autodenominaram Analistas do Comportamento (*Behavior Analysts*), a investigação animal cedo se restringiu a duas ou três espécies animais, e a um número semelhante de processos comportamentais. Tendo encontrado no condicionamento operante um filão de ouro aparentemente inesgotável, os Analistas do Comportamento têm ignorado sistematicamente as formas de interacção comportamental que não se encaixam no conceito de conduta operante (e.g., os padres fixos de acção, a aprendizagem do canto das aves, a memória espacial dos animais), e muitas espécies animais para as quais a aprendizagem desempenha um papel menor na sua adaptação ao meio (e.g., a maioria dos invertebrados). No espírito do seu manifesto, Watson certamente comentaria que a conceptualização do comportamento pelos Analistas Comportamentais é tão magra quanto o seu campo de investigação (Machado, 1992, 1993).

Mais, nas mãos dos Analistas Comportamentais a investigação animal deixou de ter valor em e por si própria, e passou a assemelhar-se à investigação biomédica, ou seja, à investigação que só é interessante quando possibilita a generalização imediata para a conduta humana. Exemplos típicos desta forma de investigar incluem o estudo da superstição em pombos e a sua generalização para a superstição humana (cf. Skinner, 1948; Staddon, 1993, capítulo 3) e o estudo da preferência entre escolha livre e escolha forçada em pombos e a sua generalização para o problema da liberdade de escolha no homem (Catania, 1980).

A actualidade do pensamento de Watson também se evidencia nas suas críticas às formas de teorizar típicas das psicologias estrutural e funcional⁴ então vigentes. Tal como em 1913, não é raro hoje em dia vermos psicólogos caírem na tentação fácil de atribuir aos conceitos propriedades ad hoc para “explicarem” com maior facilidade os dados que resistem às teorias correntes. Para ilustrar esta afirmação, comparemos, por um lado, o modo como a psicologias estrutural e funcional utilizavam o conceito de sensação e, por outro, o modo como a psicologia cognitiva contemporânea utiliza o conceito de atenção. Diz Watson em tom de crítica:

Tomemos o caso da sensação. Uma sensação é definida [pelos psicólogos estruturalista e funcionalista] através dos seus atributos. Um psicólogo dirá prontamente que os atributos de uma sensação visual são a *qualidade*, a *extensão*, a *duração*, e a *intensidade*. Um outro acrescentará a *clareza*. Ainda um outro, a *ordem*. (p. 164; itálico no original.)

De igual modo, uma análise recente da literatura científica sobre a cognição animal revela a seguinte amostra de atributos da atenção, um conceito muito propenso a rituais com falso valor explicativo: *focada, dividida, partilhada, transferida, aumentada, diminuída*; a atenção tem *propriedades temporais e espaciais*, um *centro* e uma *periferia*. Não admira que a fluidez do conceito se correlacione bem com a plasticidade do comportamento⁵. Oitenta anos depois, a conclusão de Watson mantém ainda toda a sua pertinência:

4 “Tenho tentado compreender a diferença entre a psicologia estrutural e a psicologia funcional. Em vez de ficar mais esclarecido só fiquei mais confuso” (p. 165)

5 Esta prática não caracteriza somente a Psicologia. Em 1909 Thomas Morgan, um dos génios da biologia genética, dizia: “Na interpretação moderna do Mendelismo, os factos estão a ser transformados em factores [hereditários] com grande rapidez. Se um factor não chega invocamos dois; se dois são insuficientes, três talvez resultem. Este malabarismo impressionante, utilizado por vezes para interpretar os dados, pode cegar-nos a ponto de atingirmos a trivialidade - os resultados são muito bem “explicados” porque a explicação foi inventada para os explicar. Trabalhamos para trás, dos factos para os factores, e, de seguida, pronto! explicamos os factos recorrendo àqueles factores que inventámos precisamente para os explicar... Receio bem que estejamos a desenvolver rapidamente um tipo de ritual Mendeliano para explicar os extraordinários factos da hereditariedade alternativa.” (Citado por Moore, 1993, p. 336)

Duvido que qualquer psicólogo consiga descrever as propriedades da sensação [atenção] de tal modo que outros psicólogos, de formações diferentes, concordem consigo. (p. 164)

E acrescentava em tom mais irónico mas não menos incisivo:

Embora seja aceitável que uma ciência em desenvolvimento não tenha resposta para muitas questões, é óbvio que só aqueles que se casaram com o sistema vigente, que lutaram e sofreram por ele, têm confiança que no futuro as respostas a tais questões serão mais uniformes do que agora. (p. 164)

A perspectiva de Watson e seus seguidores mais directos encontra um paralelismo inesperado nos trabalhos recentes da Nova Inteligência Artificial (*Nouvelle Artificial Intelligence*). Por exemplo, Rodney Brooks (1990, 1991a, 1991b), um dos expoentes desta abordagem, pretende substituir os pressupostos da Inteligência Artificial tradicional pela hipótese dos *Physically Grounded Systems*. Trata-se de tentar modelar directamente não as complexas capacidades simbólicas de tratamento de informação mas as interações físicas entre os organismos e o seu ambiente. Os conceitos da Inteligência Artificial tradicional e da Psicologia Cognitiva (e.g., representação) são substituídos por conceitos mais simples ligados à acção directa no meio (e.g., máquinas de estado finito - *Finite State Machines*), e de cuja interacção emergem condutas mais complexas que, aos olhos de um observador humano, definem a inteligência e o pensamento.

Neste breve artigo não é possível aprofundar este paralelismo, mas a ideia geral está bem expressa nas seguintes palavras de Brooks (veja-se também Braitenberg, 1984):

A idéia central é usar o mundo como o seu próprio modelo ... Só o observador da Criatura [robot] lhe imputa uma representação ou um controlo centrais. A Criatura, em si, não possui nenhum deles; é tão só uma colecção de comportamentos simples. Do caos local das suas interações [com o meio] emerge, nos olhos do observador, um padrão coerente de comportamentos. Não existe na Criatura qualquer locus de controlo central e intencional ... [Herbert] Simon observou que a complexidade do comportamento de um sistema não depende necessariamente da complexidade da criatura, mas talvez da complexidade do seu ambiente" (Brooks, 1991a, pp. 148-149).

Resta-nos apontar aquilo que no nosso entender é necessário acrescentar às teses do manifesto watsoniano a fim de o actualizar. Referimo-nos à natureza e proveniência dos conceitos teóricos ou, mais genericamente, à linguagem da teoria. A fim de ultrapassarmos o nível de teorização muito elementar proposto no manifesto e, simultaneamente, tentarmos unificar abordagens aparentemente divergentes, é necessário acrescentarmos à nossa caixa de ferramentas conceptuais conceitos mais poderosos, ou seja, con-

ceitos que vão para além de estímulos e respostas, integração e reforço de hábitos simples; conceitos que comecem a capturar esse poderoso mas adormecido gigante psicológico, a história de interação organismo/meio. Em seguida, estes novos conceitos têm que ser operacionalizados, integrados em teorias e finalmente testados. Novamente, só o esboço do argumento pode aqui ser apresentado mas, para o efeito, nada melhor do que um exemplo concreto.

Permitimos a um rato com fome explorar livremente um labirinto radial (*radial arm maze*) cujos braços, divergindo de uma plataforma central, contêm comida. Após algum treino, diz o psicólogo cognitivista, o rato tem uma representação interna do labirinto, representação essa com várias propriedades das quais o comportamento manifesto é função. Se aceitarmos essa representação hipotética poderemos então efectuar previsões, realizar experiências que testem essas previsões, e utilizar os resultados experimentais para modificar a representação que assumimos inicialmente. Apesar da razoabilidade desta estratégia de pesquisa, pouco ou nada ficamos a saber sobre as etapas iniciais de exploração activa do labirinto: como é que diferentes padrões de exploração se correlacionam com diferentes representações? Como é que a representação guia o comportamento de momento a momento? A resposta a estas questões permitirá, por um lado, relacionar progressivamente os estados internos com a história do sujeito e, por outro, relacionar o estado interno com o comportamento manifesto do sujeito⁶. Em última análise, estes estados internos referir-se-ão *exclusivamente* à história do sujeito, caracterizarão as mudanças comportamentais que essa história originou, e serão os ingredientes de uma análise dinâmica que prevê o comportamento em tempo real (para exemplos, veja-se Davis, Staddon, Machado, & Palmer, 1993). O estado interno passa assim a designar um conjunto de histórias equivalentes no sentido em que não é possível distinguir o comportamento futuro dos diferentes elementos desse conjunto (Machado, 1993; Minsky, 1967; Staddon, 1983, 1993). Parece-nos, com efeito, que o estado interno assim interpretado é o único conceito capaz de dar vida à noção de história de aprendizagem (hábito no tempo de Watson, reforço, na concepção de Skinner).

6 Johnson-Laird (1988) deu duas respostas ao dilema do teórico aqui em jogo; ambas respostas são vistas como críticas à abordagem behaviorista: (a) Muito do comportamento humano é espontâneo, ou seja, não depende de causas externas, e (b) se aceitarmos que os estados mentais existem, então teremos que os estudar mesmo que eles não sejam indispensáveis para formular as leis do comportamento. O ponto (a) é questionável porque a espontaneidade não implica falta de sensibilidade ao contexto, única condição necessária para a abordagem behaviorista. O ponto (b), no entanto, é bem visto, mas, seguindo a mesma lógica, também se conclui que se os estados mentais têm uma origem na história do sujeito, então essa origem deve ser investigada mesmo que ela não seja indispensável para formular as leis da cognição.

3. POR QUE É TÃO DIFÍCIL ACEITAR O MANIFESTO DE WATSON?

“Behaviorism is new wine and it will not go into old bottles” (Watson, 1924, p. 10)

A mensagem de Watson, resumida nos parágrafos anteriores, soou como um grito de guerra e veio reanimar antiquíssimas querelas metafísicas como as que opõem materialistas a espiritualistas, empiristas a racionalistas, ou inatistas a ambientalistas. A panóplia de críticas forjadas nos séculos XVIII e XIX contra La Mettrie e o seu hedonista “homem-máquina”, contra os empiristas ingleses e os sensualistas franceses, contra o positivismo de Comte e a teoria da evolução de Darwin, foram deslocadas para a nova fronteira da psicologia nascente. Aí permaneceram até hoje ...

Para muitos autores, Watson é o protótipo de tudo o que a pós-modernidade rejeita: eficiência tecnológica, mecanicismo, positivismo, determinismo ... Duas razões estão na base desta identificação. Primeiro, ao estabelecer a previsão e o controlo do comportamento como objectivos primordiais da psicologia científica, Watson criou um escândalo que ainda perdura e atinge não só os behavioristas mas todos quantos se atrevem a olhar as pessoas a partir da perspectiva das ciências naturais. De acordo com os seus críticos, ao anular o papel causal do eu, ou da pessoa como agente, Watson cometeu um atentado contra a integridade do ser humano pois deixou-o nas mãos de prepotentes instituições e de prepotentes e esclarecidos controladores.

Segundo, ao colocar a consciência entre parêntesis Watson defendeu um reducionismo intolerável que exclui do objecto de investigação da Psicologia a propriedade que melhor define a especificidade do Homem (Sperry, 1993). Com efeito, a consciência sempre foi apresentada pelos grandes pensadores, escritores e artistas como a matriz da liberdade e da originalidade e, portanto, da complexidade e imprevisibilidade de cada destino individual. Para os políticos, na consciência reside a capacidade de resistir e contra-atacar toda e qualquer forma de controlo externo sobre a pessoa; para os crentes, a consciência é a janela que comunica com o transcendente.

Em defesa de Watson, no entanto, queremos dizer que a primeira razão acima invocada se alimenta em receios infundados, modas passageiras, e óbvias contradicções, enquanto a segunda provém de alguns equívocos - que urge esclarecer - referentes à noção de comportamento. Vejamos cada uma das razões em mais pormenor.

Receios infundados. A previsão e o controlo baseiam-se em leis que estabelecem relações plausíveis entre acontecimentos. Estas leis permitem-nos dizer que, se tudo se mantiver constante, um dos acontecimentos é bom predictor do outro; em certos casos, a lei também nos permite controlar os aconte-

tecimentos no sentido de os deixarmos, ou não, realizar. No entanto, a partir das relações expressas pelas leis ninguém pode adivinhar, nem muito menos fabricar, o futuro de pessoas concretas. Na melhor das hipóteses estipulam-se regras para viver. Ou seja, tal como as regras do contraponto e da harmonia não faziam prever nem gerar por cálculo as composições do *Cravo Bem Temperado* de Bach, também os princípios elaborados por uma psicologia científica no podem prever nem controlar uma trajetória existencial. Mas que seria de Bach sem a ciência musical e instrumental que lhe foi transmitida e que ele enriqueceu de modo genial? Parafraseando Hegel, a liberdade alimenta-se no conhecimento da necessidade.

Modas passageiras. Os seres humanos começaram por antropomorfizar os acontecimentos do mundo físico atribuindo-lhes características pessoais, intenções, etc. Na antiguidade era corrente comparar o mundo a um ser vivo dotado de sabedoria, que engendrava outros seres, vivos e inteligentes. Começou-se, depois, a olhar para o mundo como se este fosse um objecto inanimado, uma máquina, um artefacto material; também era visto como um cenário para os seres humanos e dócil ao homem que tivesse ciência para o manipular, explorar, prever e explicar; de um lado estava o mundo e do outro o homem, um era objecto e o outro sujeito. Estamos na era de Francis Bacon (1561-1626), o filósofo do método experimental. Desenvolvem-se as técnicas e a palavra de ordem é eficácia, exploração e dominação da natureza. A temeridade de Watson e depois a de Skinner, terá sido a de trazer esta atitude para os assuntos humanos, com intenção de reforma social.

Assistimos actualmente a um descrédito desta mentalidade tecnológica e do ideal científico de previsão e controlo, tanto em relação ao mundo físico quanto, e sobretudo, em relação ao mundo individual e social (Smith, 1992). Mas também aqui nos devíamos abster de reacções simplistas. No fundo, o que Watson e seus seguidores pretendiam é que abordássemos os problemas humanos com atitude experimental, em vez de permitirmos que as mudanças nas nossas vidas ocorram acidentalmente ou sem possibilidade de nos apercebermos, por falta de controlo, dos efeitos reais das alterações que efectuamos. Somos por vezes mais severos com os fracassos daquilo que foi planificado do que com os fracassos devidos à falta de planificação...

Óbvias contradicções. Notemos, enfim, que muitas das críticas feitas a Watson e seus discípulos contêm uma óbvia contradicção. O juiz que sentença, o padre que sobe ao púlpito, o político, o professor, o terapeuta, o homem de negócios, os pais e as mães, toda a gente nas suas relações inter-pessoais, explícita ou implicitamente, parte do princípio de que as pessoas são educáveis, passíveis de boa ou má formação, influenciáveis, moldáveis, e capazes de mudar de vida em função de intervenções vindas de *fora*. Então, por que não fazer uma ciência dessas formas de controlo, em vez de

nos ficarmos por soluções tradicionais que já tiveram tempo de mostrar o que valem?

A noção de comportamento. Para uma cultura como a nossa, habituada a distinguir entre pensamento, vontade e acção, o termo comportamento refere-se quase exclusivamente aos actos motores externos de um sujeito. Assim, em psicologia é comum falar-se nos aspectos cognitivos, emotivos, motivacionais e comportamentais. Quando se restringe deste modo o conceito de comportamento, é fácil e tentador concluir que o behaviorismo, watsoniano ou pós-watsoniano, não passa de mera fisiologia muscular.

Contudo, para o behaviorista o comportamento tem um estatuto mais amplo. É comportamento toda a acção ou reacção de um organismo, interna ou externa, desde que relacionada com acontecimentos ambientais. Por uma questão de estratégia, têm-se estudado preferencialmente acontecimentos ambientais e respostas observáveis. Mas, pensar, imaginar, falar, arrepende-se de determinado acto ou sentir satisfação pelo cumprimento do dever, fazer planos para o futuro, emocionar-se ..., tudo isto são formas comportamentais. A primeira geração de behavioristas, por método, por estratégia de investigação e por ética da linguagem científica, impôs-se severos limites conceptuais e verbais; escolheu organismos simples e respostas evidentes; refreou a tendência do senso comum em inventar entidades explicativas fictícias para o comportamento, e soube suspender o juízo marcando bem aquilo que observamos e aquilo que inferimos, aquilo que sabemos e aquilo que ignoramos, mas nunca pôs como meta que a psicologia ficasse eternamente a contar as gotas de saliva dos cães, as bicadas dos pombos ou as pedaladas dos ratos em ambientes laboratoriais. O próprio Watson que, como já foi dito, tinha um interesse teórico e experimental abrangente e não limitado ao homem, visava aspectos mais complexos, misteriosos e intrigantes do ser humano como, por exemplo, o pensamento e a linguagem. É próprio de uma atitude experimental ir modificando as hipóteses em função das experiências. Por isso é injusto fixar um autor ou um sistema teórico aos seus primeiros enunciados.

A epistemologia pós-moderna. Eis uma afirmação chocante para um epistemólogo pós-moderno: "digam-me qual é o estímulo que eu digo-vos qual é a resposta e digam-me qual é a resposta que eu digo-vos qual é o estímulo". Com efeito, o determinismo laplaciano e a previsão segundo o modelo da mecânica clássica foram, há muito, abandonados pela física. O estilo directo, claro e facilmente refutável de Watson não se casa com os princípios da incerteza, o indeterminismo, a teoria do caos, efeitos borboleta, dependências não-lineares, restrições no horizonte preditivo, etc.

Se em alguns aspectos, a filosofia de Watson está em dissonância com os novos paradigmas, outros há em que a sua actualidade está bem patente.

Também é típico dos nossos tempos considerar que o ser humano é um fruto do mundo em ligação fraterna com as estrelas, as aves e os animais. Como dizia o poeta Neruda, "Da Terra sou e com Palavras canto". Dissipou-se a oposição material-espiritual. As essências aristotélicas deram lugar ao tecido de relações. A complexidade dos seres vivos e dos seres humanos começa a ser mais bem compreendida sem recurso a forças extra-terrestres, precisamente dentro do contexto das ciências naturais.

À medida que subimos de nível de complexidade, ao longo da hierarquia do átomo, molécula, gene, célula, tecido, organismo, população, surgem novas propriedades resultantes das interações, interconexões que emergem em cada novo nível. Um nível superior não pode ser completamente explicado decompondo-o nos seus elementos básicos e estudando as suas propriedades na ausência dessas interações. Por conseguinte, necessitamos de princípios novos ou 'emergentes', capazes de abarcar a complexidade da vida. Estes princípios são adicionais e consistentes com a física e química dos átomos e das moléculas. (Gould, 1985, p. 398).

Apesar da sua propensão para a análise, Watson facilmente subscreveria esta afirmação.

REFERÊNCIAS

- Brooks, R. (1990). Elephants don't play chess. *Robotics and Autonomous Systems*, 6, 3-15.
- Brooks, R. (1991a). Intelligence without representation. *Artificial Intelligence*, 47, 139-159.
- Brooks, R. (1991b). Intelligence without reason. *A.I. Memo #1293*. M.I.T.: A.I. Laboratory.
- Braitenberg, V. (1984). *Vehicles: Experiments in synthetic psychology*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Catania, C. (1980). Preference for free choice over forced choice in pigeons. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 34, 77-86.
- Davis, D. G. S., Staddon, J. E. R., Machado, A., & Palmer, R. G. (1993). The process of recurrent choice. *Psychological Review*, 100, 320-341.
- Jonhson-Laird, P. N. (1988). *The computer and the mind*. New York: Harvard University Press.
- Gould, S. J. (1985). *The flamingo's smile*. (Tradução Portuguesa. *O sorriso do flamingo*, 1991). Lisboa: Gradiva.
- Machado, A. (1992). *The future of behaviorism: an insider's perspective*. Paper presented at the 25th International Congress of Psychology. Brussels, Belgium.
- Machado, A. (1993). Internal states: necessary but not sufficient. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 60, 469-472.
- Minsky, M. (1967). *Computation: finite and infinite machines*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Moore, J. A. (1993). *Science as a way of knowing: the foundation of modern biology*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Ricoeur, P. (1993). Entrevista. In Anita Kechikian. Os filósofos e a educação. Lisboa: *Edições Colibri*.
- Skinner, B. F. (1948). "Superstition" in the pigeon. *Journal of Experimental Psychology*, 38, 168-172.
- Smith, L. D. (1992). On prediction and control: B. F. Skinner and the technological ideal of science. *American Psychologist*, 47, 216-223.
- Sperry, R. N. (1993). The impact and promise of the cognitive revolution. *American Psychologist*, 48, 868-875.
- Staddon, J. E. R. (1983). *Adaptive behavior and learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Staddon, J. E. R. (1993). *Behaviorism: mind, mechanism, and society*. London: Duckworth.
- Todd, J. T. & Morris, E. K. (1992). Case histories in the great power of steady misrepresentation. *American Psychologist*, 47, 1441-1453.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.
- Watson, J. B. (1924). *Behaviorism*. New York: Norton.

Resumo

Descontente com o estado de desenvolvimento da Psicologia em 1913, Watson defende no seu manifesto duas teses, uma metodológica - a substituição da introspecção pelo método científico praticado pelas demais ciências naturais, e outra teórica - a substituição da consciência pelo comportamento enquanto objecto central da Psicologia. Neste artigo analisamos as razões destas propostas, a sua actualidade, e as suas limitações. Por fim, abordamos algumas das causas da resistência ao pensamento e propostas de Watson.

Palavras chave: Behaviorismo, Consciência, Comportamento, Estado interno, Teoria.

Abstract

Disappointed with the state of Psychology in 1913, Watson proposed in his famous manifest two complementary ideas, one methodological - the replacement of introspection by the scientific method as practiced in the other natural sciences, and the other theoretical - the replacement of consciousness by behavior as the central object of Psychology. In this article we analyze the reasons for these two proposals, their relevance today, and their limitations. Finally, we discuss some of the causes of people's resistance to Watson's manifest.

Key words: Behaviorism, Consciousness, Behavior, Internal state, Theory.